

Neste número da GOT estão publicados nove artigos de autores brasileiros, argentinos e portugueses. As temáticas abordadas são a resiliência urbana às inundações, gestão de recursos hídricos, atividade turística, a industrialização, questões ambientais e a utilização dos audiovisuais no processo de aprendizagem em Geografia.

Em geral, os autores procuram demonstrar a replicabilidade das metodologias utilizadas e o contributo dos resultados obtidos nomeadamente no planeamento do território, na melhoria de processos de gestão e no desenvolvimento sustentável. A identificação dos impactos da investigação realizada no conhecimento científico, mas também no ensino, na sociedade e na economia é de extrema importância e aumenta o interesse destes estudos por parte nomeadamente dos gestores e decisores políticos.

O artigo de Maria Elisa Cremaschi, Karina Jensen e Julieta Frediani aborda a resiliência às alterações climáticas em áreas suscetíveis a inundações. O seu caso de estudo é o município de la Plata, na zona nordeste de la província de Buenos Aires, na Argentina. As autoras propõem uma metodologia para identificar as áreas mais suscetíveis a inundações em terrenos não urbanizados. Esta investigação pretende evitar a ocupação das áreas mais suscetíveis por habitações clandestinas e, assim, reduzir as consequências de futuras inundações. Este estudo pretende contribuir para a resiliência urbana e apresenta resultados que podem ser integrados no planeamento territorial.

A utilização dos recursos hídricos tem gerado problemas ambientais, sociais e económicos que o setor político procura disciplinar através do estabelecimento de instrumentos legislativos e modelos de governança. Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho e Lúcio Cunha fazem uma análise comparativa da participação social na gestão dos recursos hídricos entre o Conselho da Região Hidrográfica do Centro (CRH), em Portugal, e o Comitê de Bacia Hidrográfica (CBH) do Apodi-Mossoró, no Brasil. O CRH e o CBH surgiram, no início deste século, como órgãos de participação popular para melhorar a utilização racional dos recursos hídricos. No modelo de gestão identificam semelhanças entre o órgão português e o brasileiro no grau de participação, diversidade do segmento, número de membros, participação da sociedade civil e participação do setor privado. As diferenças referem-se ao grau de interesse, formas de escolha dos membros, o seu nível de conhecimento, a interação entre os membros e a participação do poder público. Os autores identificam claramente as medidas necessárias para melhorar o funcionamento destes órgãos que também passa pelo conhecimento e capacitação dos seus membros.

A investigação de António Alfredo Teles de Carvalho, Clavisson José da Silva e Dhiego Antonio de Medeiros foca-se na compreensão das bases teóricas explicativas do processo de industrialização no Brasil, através do

contributo das ciências humanas e sociais, e especificamente dos estudos geográficos. Estes últimos adotam uma perspectiva espacial que considera variáveis não contempladas por outras áreas científicas. O conhecimento científico sobre o processo de industrialização brasileiro apresenta-se como essencial para pensar o desenvolvimento económico do país e o papel do Estado nomeadamente na criação de infraestruturas no território e na concessão de incentivos fiscais.

Pedro Vaz Serra, Cláudia Seabra e Ana Caldeira apresentam dois artigos sobre turismo inteligente. Num deles é abordada a interação entre a tecnologia e o turismo, entre a conectividade e a cocriação de valor que, entre outras vantagens, potencia experiências turísticas diferenciadoras. Os autores propõem uma reflexão dos conceitos nucleares da tecnologia inteligente e de turismo inteligente. De seguida abordam a relação entre ambos nomeadamente analisando a importância dos dados para o turismo inteligente e o papel das tecnologias facilitadoras. Por fim, estabelecem a relação entre a conectividade inteligente e a cocriação de valor por intermédio de instrumentos inteligentes.

Num outro artigo Pedro Vaz Serra, Cláudia Seabra e Ana Caldeira abordam o contributo da perspectiva de ecossistema de turismo inteligente na natureza multidisciplinar da experiência turística, assim como o seu papel na evolução deste setor económico. Num cenário de um ecossistema de turismo inteligente, a experiência deixa de ter origem, exclusivamente, no lado da oferta, e passa a resultar de um processo de cocriação. O turismo inteligente traduz-se num ambiente aberto e mais sustentável, que resulta em espaços com estruturas mais flexíveis e diferentes perspectivas de criação de valor, assim como potencia mais oportunidades para novos serviços e modelos de negócio.

A temática da atividade turística também é central no estudo de Luiz Henrique de Oliveira Santos que analisa a instrumentalização da paisagem pela atividade turística tendo como estudo de caso a Serra Fina, no Sudeste do Brasil. Esta investigação demonstra que a intensificação do turismo tem invertido a lógica da paisagem que são produzidas não para a população local, mas para os de fora segundo a lógica de agentes externos, tornando-se apenas um meio para os objetivos das empresas turísticas. Os autores defendem que o discurso de que a atividade turística é sempre boa para todos não é ético pois na perspectiva capitalista hegemónica e globalizante a paisagem é submetida a uma outra racionalidade e lógica. As mudanças que ocorrem levam ao estabelecimento de novas relações, que alteram em vários níveis e escalas as relações de cada indivíduo com a paisagem.

A investigação de Diogo Laércio Gonçalves e Messias Modesto dos Passos também se foca na paisagem, mas com um enfoque muito distinto do adotado no artigo anterior. O objetivo do seu trabalho é o planeamento de corredores ecológicos a partir das características da paisagem. O caso de estudo é a paisagem na Raia Divisória São Paulo-Paraná-Mato Grosso do Sul, no Brasil, que está inserida numa faixa de transição entre os biomas de Mata Atlântica e do Cerrado. Depois de descreverem os vários fatores que contribuíram para os desequilíbrios dos geocomplexos locais e a degradação e fragmentação da paisagem, os autores fazem

uma proposta de possíveis áreas potenciais para a instalação de corredores ecológicos, com o intuito de garantir o fluxo gênico das espécies de fauna e flora. Um dos impactos esperados é que o quadro teórico e metodológico definido (que agrega contributos da teoria geossistémica bertrandiana, da ecologia da paisagem, da legislação ambiental e da participação da comunidade local) possa ser utilizado para promover o desenvolvimento sustentável.

O trabalho de Ailin Somoza, Patricia Vázquez, Laura Zulaica e Mónica Sacido tem como objetivo avaliar as consequências dos serviços de ecossistemas culturais na valorização do espaço produtivo em áreas rurais e das suas bases ecológicas e culturais que garantam uma agricultura sustentável. O seu estudo de caso é o município de Tandil, na Argentina. As autoras chegam à conclusão que neste município tem-se assistido a uma degradação da oferta de serviços culturais em paralelo com o decréscimo da população rural, o desaparecimento de atividades produtivas, a perda de conhecimento ecológico dos agricultores e o aparecimento de novos atores desterritorializados. O diagnóstico realizado permitiu conhecer as fraquezas, as ameaças, as forças e as oportunidades e construir bases sólidas para a tomada de decisões e gestão das paisagens rurais e manter serviços culturais. As autoras também demonstram que a metodologia utilizada pode ser utilizadas noutros contexto geográficos e em diferentes escalas.

Por último, Isabel Pato, consciente do interesse crescente das ciências curriculares pelos audiovisuais, apresenta no seu artigo a sustentação teórica e prática para a integração do filme e das suas qualidades em projetos de aprendizagem na Geografia. Num olhar sobre os instrumentos utilizados realça as novas ferramentas de captação de imagem e som e de interconectividade que possibilitam narrativas conjugando paisagem, imagem 2D e 3D, georreferenciação, realidade aumentada e realidade virtual. Alguns princípios norteadores do desenvolvimento de uma abordagem cinematográfica em projetos de aprendizagem e que são transversais às áreas curriculares são elencados. O potencial do ensino cinematográfico na transformação do espaço pedagógico é claramente explicado.

Agradeço aos autores por terem escolhido a GOT para publicarem resultados da sua investigação.

Porto, 30 de junho de 2024